

**SEMEANDO IDENTIDADES: MOVIMENTO COCALERO E A
RECONSTRUÇÃO DO SER ÍNDIO**

Dhenis Silva Maciel

Ramona Jerônimo Pinheiro¹

RESUMO

O presente trabalho busca analisar historicamente o processo de destruição e de reconstrução da identidade indígena, através da abordagem ao Movimento *Cocalero*. Focalizando-se a produção literária, analisa a forma como o índio é abordado e como se constrói uma íntima ligação de sentidos que expressa a idéia de que o índio representa o passado, o retrógrado, o não mais existente. A resposta a esse movimento aparece a partir da década de 1950 e ganha grande impulso no cenário político dos movimentos sociais e da organização partidária com o despertar dos países da América Latina, do malogrado sonho do neoliberalismo da década de 90. Grupos de valorização do ser índio ganham espaço nos debates políticos das nações latinas e passam a atrair para seu campo de atuação outros setores da sociedade. Destacamos, para analisar tal fenômeno, o Movimento ao Socialismo, que colocou estas questões no campo internacional quando conseguiu eleger Evo Morales como o primeiro presidente indígena da história.

Palavras chave: Identidade; Movimentos Sociais - *Cocaleros* –; América Latina

INTRODUÇÃO

A construção dos movimentos sociais se dá, na maior parte dos casos, diante de um processo de espoliação dos direitos das populações; esses movimentos são em grande parte uma resposta à configuração da sociedade e da negação dos direitos mais elementares da vida dos indivíduos. Nesse contexto, se insere a atual América Latina frente a um processo de reorganização ou de reflorescimento mais intenso desses movimentos.

Colocando-nos diante desse problema, objetivamos analisar o processo de destruição e de reconstrução do sentimento identitário do ser índio. Para tal fim, lançamos o olhar sobre a literatura - em especial o caso brasileiro, como algo que nos é próximo - e visualizamos a destruição da figura do índio por parte das elites letradas, que também eram em muitos momentos as elites políticas do país. Em um segundo momento, buscamos analisar como se dá a retomada de uma ofensiva por parte dos grupos que representam os indígenas e que por eles são compostos, na busca de revivificar sua cultura e sua identidade. Grupos que, para tal fim, muitas vezes buscam ocupar os espaços legislativos oficiais de seus países, visando transmutar o país que até então lhes era apenas signo de opressão, em um *locus* favorável para o desenvolvimento de sua identidade. Como exemplo claro deste novo momento dos grupos indígenas, destacamos o Movimento ao Socialismo (MAS), inicialmente composto por grupos indígenas que praticam milenarmente o cultivo da Coca, e que depois se espalha por diversos ramos da sociedade boliviana.

Novas orientações simbólicas guiam essas forças. Novas formas de sociabilidade e até mesmo de reconhecimento perante o outro. O enfoque cultural passa a ser o objeto de agrupamento construindo uma identidade social na atual sociedade. Em relação aos estudos sobre essas manifestações sociais, E. J Viola, I. Sherer-Warren e P. Krischke debatem em *“Crise Política, Movimentos Sociais e Cidadania”* sobre a ligação entre as características universais e particulares que agregam essas organizações, pois mesmo tendo em comum as lutas sociais, o modo como se organizam podem variar enfocando aspectos da cultura como já ressaltamos sobre esse movimento específico.

Assim, surge o movimento cocalero, um movimento que podemos denominar Latino e que centraliza suas lutas na força de uma sociedade que tem tradições, costumes e ligações culturais indígenas. Peru, Colômbia² e principalmente Bolívia, que não há muito tempo desempenhou um importante papel, mostrando a força desse movimento em eleições presidenciais ao eleger pela primeira vez um presidente Índio: Evo Morales. De fato, o presidente boliviano deve ser pensado cuidadosamente dentro deste movimento. Em seus discursos, ele ressalta o valor da nação indígena, de suas tradições em um país essencialmente índio (65% da população)³ e que grita em alta voz seus anseios – participar da construção de um novo modo de viver dentro de seu país, de respeito e de

autodeterminação. Lembremos também que durante muito tempo Evo Morales foi o grande dirigente do movimento cocalero na Bolívia, combatendo a criminalização da folha e dos que a plantam. Centraliza seu discurso na defesa dessas práticas ao pensá-las como tradições que há muito já existiam, antes mesmo dos espanhóis aportarem na América e ignorarem a cultura e as tradições que aqui encontraram. A coca é símbolo de um povo e de uma identidade. Criminalizar seu plantio passa a ser uma afronta direta a uma cultura milenar e um ato de grave reducionismo, pois ao fazê-lo reduz-se a apenas uma, a quantidade grandiosa de usos que a folha da coca possui para essas comunidades.

Objetiva-se perceber o processo de construção da identidade indígena, de seu suposto desaparecimento e incorporação à civilização moderna que mascara todo um discurso que predominou durante o século XIX. Pretende-se mostrar as lutas pelos direitos básicos de cidadania, do qual muitas vezes os grupos de autodeterminação indígena são espoliados e a atual luta pela descriminalização dos usos da folha da coca. Perceber como tal fato se incorpora à luta ao direito pela terra (terra sagrada Pachamama) e por uma participação que inclui os direitos civis, políticos e sociais. Uma luta que incorpora o sentido mítico dos tempos áureos do Império Inca, mas que não é só Inca, mas também *quéchua*, *aymara* e outras etnias que se reconhecem dessa forma. Como fala José Murilo de Carvalho, uma cidadania plena.⁴

Não podemos esquecer de mapear o quadro político em que está inserido hoje o movimento, pois apesar de ter características que o enquadrem como um movimento social, tem também relações construídas de acordo com o contexto histórico e cultural, fazendo dele um movimento único dentro da América Latina e que se distingue dos outros movimentos sociais pela forma como são retratados e combatidos, muitas vezes até marginalizados e perseguidos. Ressalte-se a forma de organização da maioria dos movimentos que até então, seguiam os paradigmas tradicionais de socialismo, que quase sempre centrava suas ideologias na luta de classes. Um exemplo foi o Sendero Luminoso, que seguia uma lógica maoísta e propunha uma revolução aos moldes chineses, chegando muitas vezes ao confronto direto com movimentos indígenas.

Deve-se deixar claro também o papel que os Estados Unidos têm dentro desse contexto. Sua política de combate à folha, visando o extermínio das plantações, através do

plano *Dignidad* (plano para a substituição do plantio da folha por outro gênero alimentício) já fala muito sobre como o nativo que planta a coca é visto diante dessa política de combate aos "narcotraficantes". São vistos como criaturas sem dignidade (como o nome do plano já diz) por ter suas tradições baseadas em uma planta que é considerada maléfica, satanizada e um mal para a humanidade. Somos levados a questionar as bases desse discurso e pensar essa prática do plantio da coca a partir do que nos falam os que a plantam. A planta em si não é a causa do mal. Ela faz parte de ritos que envolvem, na maior parte dos casos, a religiosidade da cultura desses povos e que beneficia em muito suas vidas, desde o fabrico de remédios ao de xampus. Segundo o Seminário Internacional para a despenalização da coca ocorrido em 2005: "Coca no es cocaína – es medicina, alimento y cultura" ⁵.

Determinante para a identificação desse movimento é a manutenção de suas tradições milenares, suas músicas e sua língua, uma vez que milhares desses indígenas não têm como base lingüística o espanhol. A maioria fala também quécchua ou *aymara*. Neste aspecto lingüístico, as comunidades indígenas da Bolívia, mais uma vez, mostram força, pois conseguiram conservar esse elemento cultural do antigo império inca.

Surgem deste quadro, movimentos identitários que visam à conquista dos espaços legislativos para a construção de uma nova sociedade em que haja a participação dos grupos indígenas na aprovação das leis e das normas e que permita uma maior divisão do poder econômico. Para tal, destacamos o Movimento ao Socialismo (MAS) – partido boliviano que ganhou força no cenário internacional ao conseguir eleger pela primeira vez na história da América Latina um índio ao cargo de presidente da república.

Mas a tarefa destes grupos não é fácil. Há um grande histórico de exploração e de desrespeito à suas culturas. Intelectuais e poderosos edificaram entraves ao acesso desses grupos ao poder. As elites *criollas* convidaram os índios para fazer a independência, mas depois de feita, retiraram-lhes – se preciso a força – do cenário das novas nações independentes. ⁶

A DESTRUIÇÃO DA IDENTIDADE: DISCURSO LETRADO E O GENOCÍDIO PELAS PALAVRAS

Se nosso objetivo primeiro aborda o processo de reconstrução das identidades indígenas na América Latina, faz-se mister, que paremos para observar como estas eram abordadas e dissolvidas pelo discurso letrado das elites dominantes do cenário político nacional. Destacamos o Brasil como um exemplo de algo que ocorreu na América Latina, obviamente, deve-se ser respeitada a especificidade deste país. Queremos então, analisar, como o discurso literato e as práticas políticas colocam o indígena em um segundo plano social e politicamente.

O sistema democrático pode ser definido como “sistema político em que o governo é exercido e controlado pelo povo em conjunto”.⁷ E, de modo especial, no caso representativo, convencionou-se que os eleitos representam à maioria da população, devendo então, atender a seus anseios e objetivos. Sendo assim, os grupos de grande representatividade no conjunto da população de dado país deveriam ser os grandes agentes no cenário político nacional.

Mas na verdade isto não acontece. Países como Peru e Bolívia possuem grande número de “nações” indígenas em seus territórios e viveram processos democráticos de pouquíssima participação desses grupos. “A Bolívia é dividida claramente entre brancos ricos e índios pobres⁸”. Essa afirmativa encontra-se dentro de um percurso histórico amplo de espoliação dos direitos e das identidades dos indígenas e conseqüente despolitização, oriunda da abordagem do adágio comum que pensa não existir mais índios, preceito esse, decorrente da visão claramente preconceituosa onde o indígena é um indivíduo que parou no tempo. Exemplo disso são os comentários que permeiam a figura do indígena em nosso país: geralmente as pessoas quando vêem índios nas grandes zonas urbanas, falam frases do tipo “e isso é índio?”, ou “índio que eu conheço não usa calção”, entre outras.

Essa abordagem tem suas raízes no processo colonizador, no caso brasileiro. Mércio Gomes destaca que “os portugueses nunca trataram os índios como nações (embora o termo fosse recorrente na época) e sim como vassalos”⁹. Esse desrespeito dos ibéricos para com essas culturas acabou se tornando via de regra para as elites governantes nos países oriundos da independência das regiões de colonização de Portugal e Espanha. Esta prática nefasta de dizimar as populações indígenas acontecera no Brasil, não apenas no campo das batalhas físicas, mas também no campo do discurso. A segunda metade do século XIX é

profundamente marcada pela afirmativa de que o índio já teria entrado no povo brasileiro e por isso seria ele agora um caboclo, pois segundo ele, “ser caboclo, no sentido mais abrangente, era o destino mais piedoso reservado aos índios”.

Começa-se uma luta de espadas verbais que perdura durante todo o restante do século XIX. No fim deste século, houve um período de grande exaltação dos mitos indígenas pela literatura brasileira: o Movimento Indianista. Mas esses índios exaltados representam um índio idealizado, distante, pretérito. Esses discursos foram suplantados pelo frenesi branqueador oriundo das teorias do Darwinismo social, que afirma ser o branco o vencedor da corrida evolucionista da humanidade. Muda-se do indígena para o “chic” francês

Este período inicial do século XX, caracterizado pelo processo de modernização das cidades solapou do centro das grandes urbes da América latina todos os diferentes. É o período de efervescência dos *Boulevards* e dos cafés à la *Champs Élisées*, onde os intelectuais, políticos e burgueses enriquecidos (em suma, a alta sociedade), se encontravam para festejar sua vitória sobre toda a barbárie.¹⁰

E esse discurso de destruição dos povos indígenas continua mesmo com todas as mudanças propostas pelo Movimento Modernista no Brasil. Mário de Andrade e seus companheiros(a)s sacodem de forma profunda essa concepção eurocêntrica de se pensar o mundo e o Brasil, tal com vemos nesta sua fala:

(...) Enquanto o brasileiro não se abrigar, é um selvagem. Os tupis nas suas tabas eram mais civilizados que nós nas nossas casas em Belo Horizonte e São Paulo. Por uma simples razão: não há Civilização. Há Civilizações (...) Nossos ideais não podem ser os da França por que nossas necessidades são inteiramente outras, nosso povo outro, nossa terra outra, etc. (...) Passemos da fase do mimetismo, pra fase da criação. Então seremos universais porque nacionais.¹¹

Mas, atentemos para o fato de que mesmo sendo contrário à visão de centralidade da cultura européia e de marginalização dos outros grupos, esse trecho nos mostra como o consenso de que o índio era uma figura morta continua latente. Mário de Andrade se refere aos tupis utilizando o verbo no tempo pretérito, deixando clara a visão de que nesse projeto novo do modernismo, os índios passam a ter um papel, na construção da identidade

nacional, independente dos modelos importados da Europa, mas tão secundário quanto para os indianistas.

Tendo em vista estas posições dos setores intelectuais/ literários brasileiros (que aqui nos servem de base demonstrativa para pensar o mesmo processo dentro dos outros países da América Latina) podemos perceber que o processo assinalado anteriormente de “transformação” do índio em caboclo é revertido, segundo Mércio Gomes, por eles mesmos. São as comunidades indígenas que se aproximam dos antropólogos e se redefinem como índios.

Esse movimento que inicia na década de 50 terá desdobramentos não apenas no Brasil, mas em toda a América Latina. É o processo de autodeterminação dos povos: são os aymarás dizendo, em sua própria língua, que são aymarás; são os guaranis que dizem somos guaranis. Este caminho iniciado em 50 desembocará em uma busca de identidade que fará com que essas populações, outrora marginalizadas, lutem pelo “fortalecimento de suas bases étnicas e pela busca de uma nova posição no panorama nacional”.¹²

OS COCALEROS E CONTEXTO POLÍTICO DA AMÉRICA LATINA

Seria uma novidade falar de desenvolvimento econômico equilibrado na América Latina, falar que nesse Continente o desenvolvimento social ultrapassa as médias mundiais, como um lugar onde não existem carências, nem pobreza... A realidade é outra, somos campeões quando os termos são desigualdades social e econômica, saúde básica, educação, índices de mortalidade e desnutrição infantil absurdos e não é preciso ir muito longe para averiguar essas informações. É inegável que o sistema no qual vivemos é excludente e os mais atingidos com essa situação são aqueles que estão à margem da sociedade.

A década de 90 é conhecida pelo arrefecimento dos movimentos sociais. A organização tida antes até meados dos anos 60 e 70 foi desbaratada pelas ditaduras que percorreram todo espaço latino. O rápido crescimento das cidades e a sua desorganização acabam revelando os contrastes sociais mostrando que uma profunda crise se abatia dentro de muitos países latinos. Para além desse quadro de crise-geral há uma segunda visão que compreende esse período como uma reordenação das lutas, que revisa também as práticas

sociais dessas organizações.¹³ Não estamos querendo reordenar ou classificar hierarquicamente essas formas de lutas, mas sim pensá-las como uma pluralidade existente durante o período, com um novo ponto de organização, passando a analisar e rever os paradigmas tradicionais de lutas com movimentos que se identificam com etnias, gênero, ecologia, pacifistas e muitos outros.

A organização do Movimento Cocalero se dá por volta do fim dos anos 80 e surge, inicialmente, dentro de um contexto sócio-político, com a demissão em massa de mineiros bolivianos que se estabeleceram nas regiões para o plantio da coca como alternativa diante da pobreza. Os Estados Unidos, principais consumidores da cocaína produzida na América Latina, desejam que sejam realizados planos de combate, como o *Plan Dignidad*, *Plan Colômbia* e outras medidas de erradicação. Porém, esses planos não prevêm alternativas econômicas tão eficientes quanto o plantio da folha de coca, que tem uma produtividade mais eficaz que outros gêneros plantados na região. A ação norte-americana se dá principalmente como um meio de intervenção na América Latina, criminalizando os integrantes desses movimentos, na tentativa de “desmoralizá-los” (na maioria dos casos os cocaleiros são configurados como terroristas ou narcotraficantes) para que possa interferir econômica e politicamente dentro dos países. Muito do discurso cocalero está focado na soberania nacional e reafirma a identidade nacional indígena contra qualquer medida que possa favorecer uma interferência estadunidense dentro desses países. Essa deslegitimação dos movimentos é seguida do discurso da imprensa e da maioria dos governos que minam a imagens desses grupos. Na Colômbia, a região onde se encontram essas populações, são comuns ações que terminam em desaparecimentos, assassinatos e perseguições e que no final “são tidas como de delinquentes e ligados as FARC”.

Não faltam argumentos para quem acredita que o movimento é um escape à falta de medidas governamentais de reconhecimento desses povos. Não falamos aqui somente de reconhecimento étnico, mas de reconhecimento do direito à terra que lhes foi negado, da luta pelo direito ao trabalho, pelo direito ao produto de seu trabalho, além da cidadania plena de que falamos.

Na construção dessas identidades, ficam, finalmente, os mitos da volta de tempos gloriosos para os indígenas, que reinterpretadas a luz do século XX, contam a história de

líderes que ao se rebelarem contra o domínio espanhol foram mortos violentamente e esquartejado e tendo a cabeça enterrada separada do corpo, espera de olhos abertos reencontrá-lo e ainda diz “*voltarei e serei milhões*”.

Os povos andinos [...] condensaram suas esperanças, de caráter messiânico, num mito pós-hispânico, que só foi descoberto pelos estudiosos no século XX. Nesses países, a tradição oral conta que o Inkari, martirizado e decapitado pelos espanhóis, teve sua cabeça enterrada num lugar e seu corpo em outro. Mas a cabeça permanece viva, com os olhos bem abertos e, por baixo da terra, está buscando o corpo, que está crescendo de novo. Quando conseguir unir cabeça e corpo, será o tempo de homens novos, livres de toda culpa, e os bons tempos voltarão para o mundo andino.¹⁴

O MOVIMENTO AO SOCIALISMO E A LUTA POLÍTICA DE RESTAURAÇÃO DA IDENTIDADE

O Movimento ao Socialismo (MAS) - movimento partidário político que surgiu na Bolívia durante o processo de reabertura política do período de pós-ditadura militar (1964 – 1982)-está diretamente ligado ao Movimento *Cocalero*, pois é inicialmente composto por membros reconhecidamente indígenas que estão lutando pelo reconhecimento dos seus direitos de manifestação de sua cultura. O MAS/ *Cocalero* vinha em atuação desde a década de 70 e teve inicialmente duas vertentes: uma feita por dirigentes que acreditavam na necessidade de o movimento ser composto somente por indivíduos de tradição indígena (Radical), e a outra vertente, que via a possibilidade de expansão da luta para os outros segmentos sociais desfavorecidos, mesmo que não indígenas (Inclusiva). A vitória acabou sendo da vertente inclusiva dentro do MAS.

Desde seu início, o MAS buscou ocupar os cargos públicos do poder legislativo, para assim poderem mudar as leis das quais discordavam. Não mais apenas aymará, buscou então se firmar como o partido político dos grupos historicamente excluídos do processo democrático na Bolívia.

Sua bandeira começa a congrega mais e mais adeptos por dois movimentos: o primeiro, as políticas neoliberais implantadas na Bolívia durante a década de 80 e 90 e, o segundo (mas não menos importante, apenas cronologicamente posterior), o recrudescimento da política anti-drogas dos Estados Unidos, que para combater o tráfico de drogas resolve atacar a fonte. O que acabou fazendo com que algo sinalizado por

Thompson pudesse ser aqui visto de forma singular: “a luta precedendo a formação da classe”¹⁵. Os grupos de plantadores de coca só se filiam massivamente ao MAS quando passam a ser vistos como os produtores do mal. Por outro lado, os cocaleiros gritam “*Hayllama Pachamama*”, que significa: “Viva Mãe Terra”. O combate destes grupos pela despenalização da coca torna-se visivelmente um combate por suas identidades.

Os povos indígenas têm uma relação fundamental com o território, entendamos aqui, fundamental no sentido de aquilo que dá o fundamento, as bases. É ele quem define sua identidade, sua culinária, seus costumes. É ela, a Mãe Terra, que sustentou seus avôs e seus pais, e que sustentará seus filhos e netos. As diversas nações indígenas, após a destruição do império inca pelos espanhóis foram espalhadas em diversas regiões. Mesmo depois da independência e formação das repúblicas, os povos indígenas ficaram espalhados e divididos por fronteiras que não são suas. Por isso, o movimento cocaleiro não se encerra em um único país, está espalhado pela América andina: Peru, Bolívia e Colômbia (de forma mais intensa). Estão onde sempre estiveram, em seu território, independente de marcas e linhas feitas pelas civilizações que se enraízam na sociedade hispânica oriunda da colonização. Como disse Evo Morales sobre o movimento cocaleiro durante sua campanha eleitoral retratada por Alejandro Landes no documentário *Cocalero*: “Este levantamento do povo, jamais deverá parar, nunca deverá parar. Por que acima de *cocaleros*, somos *aymaras*, *quechuas*... donos desta nossa terra, donos do território.” Não é qualquer político na expectativa de votos que fala, é um índio, é um homem que mesmo tendo sido criado em uma sociedade urbana, trabalhou em sítio de coca; aprendeu a falar e escrever espanhol, mas, como nos fala seu candidato à vice-presidência no mesmo documentário, “ele fala *aymara*, ele entende *aymara*, não o suficiente para um discurso, mas ele entende.” Esta frase deve ser analisada à luz do sentimento, Evo Morales entende e isso significa mais do que entender a língua, significa entender as demandas, as lutas, os sentimentos, a visão de mundo deles. O conhecimento de uma língua vai para a além das traduções, cada língua vem carregada da visão de mundo de quem a fala; existem termos de dada língua que apenas um nativo compreenderá em sua plenitude, porque entende o que significa dentro daquela visão de mundo, sem necessitar de comparações entre termos de outras línguas. Apenas o português exprime o que nós, brasileiros, entendemos por saudade, assim também apenas esses homens e mulheres têm a total compreensão do que é *Pachamama*.

“Eu sou a Santa Terra

A que cria e Amamenta sou

Pacha Terra, Pacha Ñusta, Pacha Virgem sou

Por isso desde a criação do Mundo

Mereço respeito

A mim vocês vão evocar

E vão brindar

Às três pessoas

Pacha Terra, Pacha Ñusta, Pacha Virgem

Nesse dia eu falarei

E a terra santa vocês não vão tocar.”¹⁶

NOTAS

¹ Graduandos do Curso de História pela Universidade Federal do Ceará.

² Apesar de abordarmos o Movimento *Cocalero*, inserimos a Bolívia em primeiro plano, pois grande parte da abordagem se dará com este país. Em segundo plano, mas não por menor importância, à Colômbia e o Peru, não em um contexto Andino, mas Latino, por terem desempenhado um significativo papel em relação ao movimento Cocalero. Não podemos denominar esse movimento somente como Andino já que suas zonas de produção são outras. Ver mais sobre o movimento cocalero na Colômbia em “*El movimiento de campesinos cocaleros del Putumayo en Colômbia*” SANTIAGO, Milson Betancourt.

³ . DELGADO, Ana Carolina e LEMGRUBER, Silvia. *Os movimentos indígenas e suas implicações para o processo político na Bolívia e no Peru*. Artigo disponível na internet: <http://observatrioiuperj.com.br>

⁴ CARVALHO, José Murilo de. Repúblicas e Cidades. In: *Revista de Ciências Sociais*, Rio de Janeiro, vol 28, nº2, 1985, pp.143-161.

⁵ Seminario Internacional Despenalización de la Hoja de Coca, 27 y 28 de octubre, 2005. Auditorio de Qhana, Calle 23 de marzo esquina Landaeta, Sopocachi Alto, La Paz, Bolívia. Mais informações em www.cocasoberanía.org

⁶ Mais sobre este assunto em ANDRADE, Gleilson, MACIEL, Dhenis e NOJOSA, Bruno. Indígenas e *criollos* nos processos de independência da América Hispânica: interesses e conflitos. In: Revista eletrônica Ameríndia vol. 01 disponível no site: <http://www.amerindia.ufc.br/>

⁷ MAGALHAES, Alvaro (org.) *Enciclopédia brasileira globo*. Porto Alegre: Globo, 1980. 18ª edição

⁸ In. Artigo disponível na internet: http://veja.abril.com.br/221003/p_112.html

⁹ GOMES, Mércio. *Os Índios e o Brasil, ensaio sobre um holocausto e uma nova possibilidade de convivência*. Petrópolis : Vozes, 1988. 2ª edição

¹⁰ Mais referencias sobre esse período vide: SEVCENCO, Nicolau. *Literatura como missão: tensões sociais e criação cultural na primeira república*. São Paulo: Brasiliense, 1999. 1ª reimpressão da 4ª edição.

¹¹ Citação de Mario de Andrade de 1982, pp. 14-6 apud NOGUEIRA, Antônio Gilberto Ramos. *Por um inventário dos sentidos: Mário de Andrade e a concepção do patrimônio e inventário*. São Paulo: Hucitec: Fapesp, 2005

¹² GOMES, Mércio. Obra citada, pág. 62

¹³ Scherer-Warren, Ilse. *Redes de Movimentos Sociais*. 3ª edição. São Paulo: Loyola, 1993.

¹⁴ FREIRE, José Ribamar. *Diário do Amazonas. No te vayas Evito!* 26/01/2006 In: <http://www.taquiprati.com.br/apresenta-cronica.php3?cronica=cronica29-01-2006>

¹⁵ THOMPSON, Edward Palmer. *A Formação da Classe Operária Inglesa III*, Rio de Janeiro: Paz e Terra.

¹⁶ Poema dedicado a Pachamama, recolhido na década de 1980, por Rosalind Gow e Bernabé Conndori no aylo de Pinchimuro, Cuzco. In: BOND, Rosana. *Peru: do império dos incas ao império da cocaína*. COEDITA – Cooperativa de trabalhadores em produção cultural e editorial, Rio de Janeiro, 2004.